

# Atração fora da lei: a complexidade da hibrístofilia e sua relação com o crime

## Fabiana Amaro de Brito

Doutoranda em Psicologia Forense – Unini – México. Mestre em Ciências Policiais – ISCPSP – Portugal/2021. Pós-Graduada em Filosofia e Sociologia – Ucam/2022. Pós-Graduada em Segurança Pública, Cultura e Cidadania – UFRJ/2012. Pós-Graduada em Gestão da Segurança nas Organizações – Unesa/2006. Licenciatura em Ciências Sociais. Major da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro/desde 2001. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/1473899455667291>. *Orcid*: <https://orcid.org/0000-0002-7179-7155>. [fabiana.amaro@doctorado.unini.edu.mx](mailto:fabiana.amaro@doctorado.unini.edu.mx).

---

**Resumo:** O presente artigo aborda os principais aspectos da hibrístofilia com objetivo de ampliar a compreensão do fenômeno na sociedade e ressaltar sua importância para psicologia clínica e forense, criminologia e políticas de saúde mental, sobretudo para mulheres. A pesquisa foi realizada por revisão bibliográfica pautada nos conceitos de *serial killer*, parafilia e hibrístofilia: atração sentimental e sexual por criminosos violentos, que atinge em maior parte as mulheres heterossexuais.

**Palavras-chave:** Hibrístofilia. Parafilia. *Serial killer*. Psicologia forense. Vitimologia.

**Sumário:** Introdução – Desde os *serial killers* – Fantasias e comportamentos sexuais: as parafilias – Hibrístofilia – As possíveis causas da hibrístofilia – Considerações finais – Referências

---

## Introdução

A palavra “hibrístofilia” é derivada do termo *híbris*, que se refere a um excesso de orgulho ou arrogância, e *filia* que significa amor ou atração; e representa uma atração sexual e/ou romântica intensa e persistente por pessoas que cometeram crimes graves, especialmente crimes violentos ou crimes hediondos. Essa atração é direcionada especialmente de mulheres para criminosos e muitas vezes envolve o desejo de estabelecer relacionamentos íntimos com eles, independentemente dos atos perversos que cometeram (ELIAS MUNÁRRIZ, 2023).

O objetivo deste estudo é apresentar as principais características da hibrístofilia a fim de ampliar a compreensão do fenômeno na sociedade, destacando sua importância para as áreas de psicologia clínica e forense, criminologia e políticas de saúde mental, sobretudo nos contextos referentes às mulheres.

A hibrístofilia é uma área de estudo relativamente recente e ainda está sendo explorada pela psicologia e pela psiquiatria. Sua compreensão está em evolução e os pesquisadores continuam a investigar as causas e implicações da atração por

pessoas que cometeram crimes violentos, sobretudo nas mulheres. Inicialmente, pontuamos considerações relevantes para compreensão do que, de fato, é a hibrístofilia e como ela se manifesta:

1. Atração por criminosos: a hibrístofilia envolve uma atração sexual ou romântica específica por criminosos. Isso pode incluir assassinos, esturpadores, sequestradores e outros infratores que cometeram crimes graves.
2. Comportamento paradoxal: a hibrístofilia é considerada paradoxal porque envolve a atração por pessoas que, em muitos casos, causaram sofrimento, dor e trauma a outras pessoas.
3. Fama e notoriedade: em alguns casos, a hibrístofilia pode ser alimentada pela notoriedade ou fama associada ao criminoso, acreditando-se que também poderá compartilhar da mesma fama.
4. Fantasia e idealização: pessoas com hibrístofilia podem fantasiar sobre a vida com um criminoso, idealizando-os de maneira que minimizam ou ignoram seus crimes. Isso pode envolver uma crença errônea de que podem manifestar uma espécie de cura ou mudança do criminoso.
5. Riscos para a segurança: envolver-se com criminosos pode ser extremamente perigoso. Muitas vezes, esses indivíduos representam riscos substanciais para a segurança física e emocional daqueles que buscam relacionamentos com eles (BRUNS, 2022; HARE, 2013).

É importante destacar que a hibrístofilia não é uma condição psicológica oficialmente reconhecida nos manuais diagnósticos, como o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) ou a CID-10 (Classificação Internacional de Doenças). Em vez disso, é um conceito que tem sido discutido na literatura psicológica e forense como um fenômeno de interesse. Contudo, acredita-se que o tratamento psicológico pode ser necessário para compreender e lidar com essa atração de maneira saudável e segura, especialmente considerando os riscos envolvidos na busca de relacionamentos com criminosos (ELIAS MUNÁRRIZ, 2023).

Quando comparada a outros transtornos de ordem emocional, a hibrístofilia ocupa a posição de um fenômeno relativamente obscuro, não sendo, ainda, amplamente discutido na literatura psicológica e forense. Portanto, há certa escassez de livros e autores específicos que se concentrem exclusivamente na hibrístofilia. No entanto, é possível explorar estudos, livros e autores que abordam temas relacionados à psicologia criminal, atração sexual incomum e comportamento desviante, que podem oferecer *insights* sobre o assunto.

Nesse cenário, para este artigo, foi adotada a revisão de literatura multidisciplinar, de forma comparativa, realizando a análise estrutural das fontes consideradas mais relevantes nesta temática, partindo do mais amplo para o específico. As buscas foram realizadas em bases de dados acadêmicas, como *PubMed*, *PsycINFO*,

*Scopus* e *Google Scholar*, além de pesquisas manuais em revistas especializadas, livros e outros recursos relevantes. Foram selecionados estudos e publicações de ordem psicológica, sociológica, criminalística e jurídica de forma a se obter uma visão mais ampla e diversificada sobre a hibrístofilia.

Importante destacar que é necessária cautela na discussão esse fenômeno, reconhecendo que a atração por indivíduos que desafiam as normas sociais pode ter ramificações sérias e, por vezes, pode resultar em relacionamentos muito prejudiciais.

## Desde os *serial killers*

Em *The Anatomy of Evil*, Michael H. Stone (2009) examina a mente dos criminosos violentos e fornece uma análise psicológica de criminosos notórios. Embora Stone não tenha se concentrado exclusivamente na hibrístofilia, há uma perspectiva lançada sobre as características de criminosos que atraem algumas pessoas. Stone, psiquiatra e professor de psiquiatria clínica na Universidade de Columbia, também aborda a natureza do mal, introduzindo a ideia de que o mal existe em diferentes graus e formas na sociedade e na história humana e analisando casos verídicos de crimes notórios e comportamentos cruéis ao longo da história: Adolf Hitler,<sup>1</sup> Joseph Stalin,<sup>2</sup> Ted Bundy<sup>3</sup> e outros, para ilustrar diferentes graus de maldade e patologia.

Stone (2009) categoriza o mal em cinco níveis: desde a maldade comum até o mal extremo e patológico, analisando distúrbios como a psicopatia, o transtorno antissocial e outras condições mentais associadas a comportamentos cruéis. Alguns fatores como genética, traumas de infância, ambiente social e influências culturais poderiam ser fatores contribuintes para o desenvolvimento do mal nessa escalada.

Para além das características dos níveis de maldade propostos por Stone, seus estudos também tratam questões relacionadas ao sistema de justiça criminal e como ele lida com criminosos mais perversos. Algumas questões éticas sobre a punição e o tratamento desses criminosos, especialmente aqueles que possuem transtornos mentais, também são abordadas; pontuando-se a importância da prevenção e intervenção para lidar com o mal em suas várias formas, tanto no nível individual quanto na sociedade em geral.

<sup>1</sup> Adolf Hitler (1889-1945). Líder do Partido Nazista. Responsável pelo Holocausto.

<sup>2</sup> Joseph Stalin (1878-1953). Líder do Partido Comunista. Governante da União Soviética. Responsável pelo Holodomor (morte de milhões de ucranianos devido à fome causada por forças policiais soviéticas).

<sup>3</sup> Ted Bundy (1946-1989). Americano considerado o primeiro *serial killer* da história, tendo confessado a morte brutal de mais de trinta mulheres. Destaca-se que Bundy, depois de preso, possuía centenas de fãs, muitas apaixonadas, casando-se com uma delas na prisão.

Stone (2009) conclui que o estudo do mal é essencial para entender a psicologia humana e que a conscientização e a prevenção podem ser fundamentais para evitar a propagação do mal na sociedade. Sua obra oferece uma análise profunda e psiquiátrica das raízes e manifestações do mal na sociedade, usando casos reais em uma abordagem multidisciplinar. O autor provoca reflexões sobre a complexidade da natureza humana e as implicações para a compreensão do comportamento maligno.

Em sequência, *Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*, de Robert D. Hare (2013), embora também se concentre mais na psicopatia do que na hibrístofilia, pode fornecer uma visão profunda sobre as personalidades de criminosos e como eles atraem e seduzem pessoas comuns.

Nessa obra é apresentado o conceito de psicopatia, destacando suas características distintivas, como falta de empatia, poder de manipulação, impulsividade e grande superficialidade emocional. Hare (2013) descreve o perfil típico de um psicopata, incluindo sua habilidade em mascarar sua verdadeira natureza, seu aparente carisma e seu comportamento predatório.

Assim como Stone, Hare (2013) explora as possíveis causas da psicopatia, incluindo heranças genéticas, traumas de infância e anormalidades neurológicas, bem como aborda o desenvolvimento da psicopatia ao longo da vida. Hare esclarece a diferença entre psicopatia e doença mental, normalmente confundido pelas pessoas leigas, destacando que os psicopatas são geralmente pessoas lúcidas e conscientes de suas ações, enquanto os doentes mentais, em sua maioria, não o são.

Hare é um famoso psicólogo canadense, com grande influência social, conhecido por seus trabalhos no campo da psicologia criminal e da psicopatia. Nessa obra, ele explica sua famosa ferramenta de avaliação psicológica – *Hare Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R), que é usada para medir traços de psicopatia em indivíduos, exemplificando o comportamento psicopático, seus crimes violentos, a forte manipulação nos relacionamentos e o impacto na vida das vítimas. Devido a seu estado de lucidez e seu carisma inicial e aparente, os psicopatas podem estar presentes em várias esferas da sociedade, incluindo o âmbito corporativo, político e até mesmo no sistema legal.

No campo social, Hare (2013) enfatiza a importância da conscientização e da educação pública sobre a psicopatia para proteger as pessoas contra os psicopatas, pontuando que o tratamento terapêutico para esses casos é muito difícil. Assim, o autor conclui que a psicopatia é um problema significativo na sociedade e que é vital entender e enfrentar esse fenômeno para proteger as pessoas e promover um ambiente mais seguro para todos.

Adentrando no âmbito da atração pelos criminosos, *The serial killer files: the who, what, where, how, and why of the world's most terrifying murderers*, de Harold Schechter (2003) (2003), aborda a psicologia dos *serial killers* (assassinos em série) aliada ao entendimento do porquê algumas pessoas são atraídas por criminosos violentos. Schechter é um autor especializado em crimes e história criminal e explora o mundo dos *serial killers* fornecendo informações detalhadas sobre quem são, como geralmente agem, onde operam e por que cometem esses atos terríveis. Nessa obra, Schechter oferece uma visão abrangente do mundo dos *serial killers*, combinando detalhes históricos, análise psicológica e estudos de caso para explorar esse fenômeno perverso. O destaque deste livro consiste na abordagem do autor sobre como a cultura popular é influenciada por esses casos, tornando esses criminosos, muitas vezes, figuras icônicas e admiradas.

O autor introduz o conceito de *serial killers* e destaca a fascinação e o terror que eles geram na sociedade, explorando as origens históricas desses assassinos, traçando suas raízes desde o século XIX até os dias atuais. Assim como os outros autores, Schechter (2003) também trabalha sobre casos notórios (Ted Bundy, John Wayne Gacy, Jeffrey Dahmer e outros), apresentando suas principais características, *modus operandi* e suas motivações; ressaltando a importância do perfil criminal na identificação e captura de *serial killers* e como os perfis são elaborados por especialistas.

Aprofundando-nos na questão da atração, Scott Bonn (2014), em *Why we love serial killers: the curious appeal of the world's most savage murderers*, explora a fascinação que algumas pessoas têm por *serial killers*, como essa atração pode se relacionar com a hibristofilia e o que isso revela sobre a psicologia humana. Bonn também analisa por que esses criminosos atraem tanta atenção da mídia e do público em geral. O autor começa introduzindo a ideia de que a sociedade tem uma fascinação inexplicável pelos *serial killers*, apesar de seus atos horríveis relacionando-a a nossa curiosidade mórbida e ao desejo de entender o que leva alguém a cometer assassinatos em série.

Bonn (2014) aborda como a mídia desempenha um papel significativo na amplificação da notoriedade dos *serial killers*, muitas vezes explorando sensacionalismo para atrair maiores índices de audiência. A cultura popular, incluindo filmes, séries de TV e livros, muitas vezes retrata *serial killers* como personagens fascinantes. Surgem, então, questões éticas sobre o tratamento desses criminosos na mídia e na sociedade, bem como as consequências de nossa fascinação por eles.

Nesse contexto, Bonn (2014) explora as razões psicológicas pelas quais esses criminosos são tão cativantes para o público, incluindo a busca por respostas sobre a natureza humana e a excitação do medo controlado; como o público os percebe e como as opiniões variam entre compaixão, horror e admiração mórbida.

O autor destaca como nossa curiosidade sobre esses criminosos muitas vezes reflete nossa busca por compreender o mal e os mistérios da mente humana. Por fim, Born questiona se essa quase obsessão por alguns criminosos revela algo sobre nossa própria natureza humana, oferecendo uma análise aprofundada e provocativa sobre o fenômeno da fascinação por *serial killers*, explorando as razões por trás dessa atração complexa e controversa.

Relativamente ao âmbito jurídico, o livro *Os paradoxos do amor bandido: a hibrístofilia a partir de uma abordagem da advocacia criminal*(2022), Erika Bruns (2022) aborda esse tema específico sob a perspectiva da advocacia criminal, oferecendo uma análise detalhada e singular. A autora examina como a hibrístofilia pode influenciar as dinâmicas legais e as decisões dos advogados que representam criminosos, bem como afetar o sistema de justiça como um todo. Bruns (2022) investiga os desafios éticos e psicológicos enfrentados pelos advogados que lidam com clientes alvos dessa atração, assim como as implicações para o julgamento e sentenciamento desses indivíduos.

Além disso, Bruns (2022) também explora os paradoxos envolvidos na hibrístofilia, questionando por que algumas pessoas são atraídas por criminosos e como essa atração pode afetar suas vidas e relacionamentos, através de casos reais e exemplos concretos para embasar seus argumentos e teorias. Dessa forma, Bruns apresenta uma análise profunda e interdisciplinar da hibrístofilia, examinando-a por meio da lente da advocacia criminal e explorando suas complexidades e implicações no contexto legal e psicológico.

Em uma abordagem sociológica, o artigo *Hibrístofilia: un estudio descriptivo de la fenomenología psicológico-social de las mujeres que sienten atracción afectiva por sujetos criminales* (ELIAS MUNÁRRIZ, 2023) explora o fenômeno da hibrístofilia, buscando descrever e entender a psicologia e os fatores sociais subjacentes a essa atração. Munárriz analisa as motivações psicológicas que levam essas mulheres a se sentirem atraídas por criminosos, incluindo possíveis fatores como desejo de aventura, atração pelo proibido ou busca por emoções fortes. O estudo busca, ainda, descrever e comparar as características socioculturais das mulheres analisadas/entrevistadas, explorando como os fatores sociais e culturais podem influenciar a hibrístofilia, examinando a representação da criminalidade na mídia, estereótipos de gênero e normas sociais.

Para além das causas, estudo investiga as possíveis consequências da hibrístofilia nas vidas das mulheres envolvidas, incluindo relacionamentos interpessoais, bem-estar emocional e escolhas de parceiros. Assim como também investiga as implicações mais amplas da hibrístofilia, tanto do ponto de vista psicológico quanto social, enfatizando a importância de compreender esse fenômeno para orientar intervenções e políticas apropriadas. Assim, contribui para uma compreensão mais profunda das motivações e das implicações da atração emocional por criminosos

nas mulheres, destacando a importância de abordar essa questão sob uma perspectiva psicológica e social (ELIAS MUNÁRRIZ, 2023).

Sob um viés de abordagem sobre os dois gêneros, deixando de lado o foco apenas na mulher que se sente atraída pelo criminoso, Ramos (2023) nos leva a questionar como podemos sentir atração irresistível por pessoas que objetivamente não combinam conosco; que apresentam comportamento transgressor, rebelde, agressivo ou antissocial. Que fatores psicológicos e sociológicos influenciam essa preferência e a quais consequências estamos submetidos?

Ramos (2023) explica que a atração por *bad boys* ou *bad girls* é um fenômeno que consiste em sentir-se atraído por pessoas que apresentam comportamento transgressor, insurgente, violento ou antissocial. O autor apresenta um estudo no qual revela que quase metade das mulheres (49%) são atraídas por *bad boys*; enquanto cerca de um terço (35%) dos homens confessaram já ter se apaixonado por uma *bad girl*.

## Fantasia e comportamentos sexuais: as parafilias

“Parafilias são fantasias ou comportamentos frequentes, intensos e sexualmente estimulantes que envolvem objetos inanimados, crianças ou adultos sem consentimento, ou o sofrimento ou humilhação de si próprio ou do parceiro” (BROWN, 2021). São, portanto, estudadas e trabalhadas no campo da psicologia e psiquiatria como padrões de comportamento sexual atípicos ou desviantes.

Sigmund Freud, embora seja mais conhecido por suas teorias sobre a psicologia em geral, também fez contribuições para o estudo das parafilias em seus trabalhos sobre psicologia sexual, como em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (publicado originalmente em 1905). Neste livro, Freud explora várias formas de comportamento sexual humano, incluindo parafilias, sob a perspectiva da psicanálise. Essa obra é um marco fundamental no desenvolvimento da teoria da sexualidade humana e da psicanálise em geral, dividindo-se em três ensaios:

Ensaio 1: “As aberrações sexuais”.

No primeiro ensaio, Freud explora o conceito de aberrações sexuais, chamando-as de perversões. Ele argumenta que a sexualidade humana é muito mais complexa do que a simples relação genital entre homem e mulher com o objetivo da procriação. Freud discute várias formas de comportamento sexual que são consideradas desviantes em relação a essa norma, incluindo as parafilias de fetiche, voyeurismo, exibicionismo e outras. Ele propõe que essas perversões sexuais têm raízes psicológicas profundas e podem ser compreendidas por meio da análise psicanalítica.

Ensaio 2: “Sobre os sonhos”.

Este ensaio trata principalmente dos sonhos e sua relação com a sexualidade. Freud introduz o conceito de “sonhos sexuais infantis”, argumentando que a sexualidade se desenvolve desde a infância e tende a se manifestar nos sonhos. Ele ainda explica como os sonhos podem ser uma forma de realizar desejos sexuais reprimidos, muitas vezes de maneira simbólica e disfarçada.

Ensaio 3: “As metamorfoses da puberdade”.

O terceiro ensaio aborda o desenvolvimento da sexualidade na puberdade. Freud explica que a puberdade é um momento crucial no desenvolvimento sexual, marcado por mudanças psicológicas e emocionais significativas. De mesmo modo, discute a ideia de que a escolha de objeto sexual (ou seja, a atração sexual por outra pessoa) é influenciada pelo Complexo de Édipo, um conceito central na teoria psicanalítica (FREUD, 2016).

Assim, Freud desafia muitas das convenções sociais e teorias tradicionais sobre a sexualidade. Ele argumenta que a sexualidade humana é inerentemente complexa e que as perversões sexuais não devem ser simplesmente condenadas, mas sim compreendidas em um contexto psicológico mais amplo.

Relativamente à atração sexual, algumas vezes obsessivas, por criminosos, encontramos relação com a explicação de que ela se irradia desde o campo psíquico e “se manifesta como uma cegueira lógica (enfraquecimento do juízo) perante as realizações anímicas e as perfeições do objeto sexual [...]. Assim é que a credulidade do amor passa a ser uma fonte importante, se não a fonte originária da autoridade” (FREUD, 2016, p. 141).

Outro autor precursor na pesquisa sobre a sexualidade humana foi Alfred Kinsey, que realizou, com sua equipe, pesquisas pioneiras sobre comportamento sexual humano nas décadas de 1940 e 1950, incluindo estudos sobre parafilias, sendo o livro *Sexual Behavior in the Human Male* (publicado originalmente em 1948) uma obra fundamental para estudos desse tema, representando um marco na história da pesquisa sexual e sendo estudado e discutido em contextos acadêmicos e culturais.

O livro é o primeiro volume de uma série de duas partes, conhecida como os *Relatórios Kinsey*, que teve como principal objetivo fornecer uma análise abrangente do comportamento sexual masculino nos Estados Unidos, em que foram entrevistados milhares de homens. Para tanto, foi desenvolvida uma abordagem inovadora para coletar informações sobre o comportamento sexual utilizando questionários detalhados e entrevistas pessoais para obter informações sobre a vida sexual dos participantes. Como resultado, revelou-se uma ampla gama de descobertas relacionadas ao comportamento sexual masculino, incluindo informações sobre

masturbação, relações sexuais, orientação sexual, práticas sexuais não convencionais e outras (KINSEY, 1998).

Kinsey (1998) desenvolveu uma escala de orientação sexual que varia de 0 a 6, em que 0 representa exclusivamente atração pelo sexo oposto e 6 representa exclusivamente atração pelo mesmo sexo, enquanto valores intermediários indicam graus variados de bissexualidade. Essa escala foi inovadora em sua época e contribuiu para a compreensão da diversidade da orientação sexual.

Naquela época, os estudos de Kinsey desafiaram muitas suposições tradicionais sobre sexualidade ao revelarem a diversidade do comportamento sexual humano; tornando-se alvo de críticas e controvérsias, principalmente devido à natureza de suas descobertas. Sugeriu-se, então, que muitos comportamentos considerados tabus na época eram muito mais comuns do que se acreditava. Nesse contexto, houve, por outro lado, um impacto significativo na cultura e na ciência, desempenhando um papel importante na promoção da pesquisa científica sobre a sexualidade e influenciou movimentos de direitos civis e de aceitação da diversidade sexual.

Passando da contextualização psicológica para a da saúde mental como parafilia, o *The Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) da American Psychiatric Association (APA), em suas sequentes edições, fornece critérios diagnósticos para uma variedade de transtornos mentais reconhecidos pela psiquiatria, incluindo várias parafilias, apresentando referências importantes na área da saúde mental. Em sua mais recente edição (DSM-5), publicada em 2013, surgiram algumas mudanças significativas na forma como as parafilias são definidas e classificadas em comparação com edições anteriores. Entretanto, a hibrístofilia ainda não foi mencionada como uma categoria diagnóstica específica no DSM. (American Psychiatric Association, 2013)

Segundo o DSM-5, parafilia é “qualquer interesse sexual intenso e persistente que não aquele voltado para a estimulação genital ou para carícias preliminares com parceiros humanos que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 685). Nesse contexto, é importante destacar que o DSM se concentra principalmente em transtornos mentais e não em características de atração sexual. A atração por criminosos violentos, como a que pode ser associada à hibrístofilia, é mais frequentemente discutida na literatura forense e na psicologia criminal do que no contexto de diagnóstico de transtornos mentais.

## Hibrístofilia

A hibrístofilia refere-se à atração sexual e/ou afetiva por pessoas que cometem crimes ou transgressões sociais. Essa peculiar forma de atração tem sido objeto

de estudo e debate, revelando nuances intrigantes que se manifestam de maneiras ativa e passiva, proporcionando um fascínio complexo e muitas vezes controverso.

O termo foi cunhado e usado pela primeira vez pelo psicólogo/sexólogo John Money na década de 1950. Money, além de criar termos e expressões, também adequou o termo “perversão”, de Freud, para “parafilia”, e substituiu a expressão “preferência sexual” por “orientação sexual”. Money, em seus estudos, indica que, ao contrário das outras parafilias presentes na natureza sexual humana, a hibrístofilia se manifesta, na maioria dos casos, em mulheres jovens e heterossexuais (EHRHARDT, 2007).

Em sua forma ativa, a hibrístofilia se caracteriza pelo desejo consciente e deliberado de se envolver emocional e romanticamente com indivíduos que têm um histórico de comportamento criminoso. Algumas pessoas são atraídas pelo perigo como forma de escape da monotonia, buscando uma emoção que só o proibido pode oferecer. Essa busca ativa pelo risco muitas vezes se reflete em relacionamentos tumultuados, nos quais a atração pelo parceiro criminoso é intrinsecamente ligada à adrenalina de desafiar as normas sociais (BONN, 2014; ELIAS MUNÁRRIZ, 2023).

Por outro lado, a hibrístofilia passiva revela-se quando uma pessoa se vê atraída involuntariamente por indivíduos que cometeram crimes ou transgressões. Este fenômeno, muitas vezes, está enraizado em aspectos psicológicos mais profundos, como a atração pelo poder, a busca por resgatar e curar o parceiro problemático, ou mesmo a projeção de fantasias românticas em figuras que desafiam a ordem estabelecida na sociedade. Em alguns casos, essa atração passiva pode resultar de uma necessidade inconsciente de superar desafios internos, sendo o parceiro criminoso percebido como um desafio emocional a ser superado (ELIAS MUNÁRRIZ, 2023).

Ambas as formas de hibrístofilia são complexas e levantam questões sobre a natureza da atração humana, a psicologia por trás das escolhas de relacionamento e os limites entre o desejo e o perigo. Assim, a hibrístofilia, tanto ativa como passiva, ilustra a diversidade de expressões da atração interpessoal, mergulhando nas complexidades da psique humana. O entendimento dessas dinâmicas é essencial para promover discussões saudáveis sobre relacionamentos, explorando a linha tênue entre a atração pelo proibido e a necessidade de manter relações saudáveis e construtivas.

## As possíveis causas da hibrístofilia

As causas, especificamente atribuíveis à atração por *serial killers*, também são adaptáveis e extensíveis aos demais criminosos, sobretudo os mais violentos. De acordo com as entrevistas realizadas por Katherine Ramsland com mulheres que se relacionam com esses criminosos, podemos elencar algumas das causas mais comuns.

Mulheres atraídas por assassinos, especialmente *serial killers*, geralmente têm entre trinta e quarenta anos e são heterossexuais, corroborando os estudos de John Money. Embora os motivos para se envolverem tão intensamente variem, todas compartilham um forte sentimento de proteção dentro do relacionamento. Algumas reconhecem a culpa de seus parceiros encarcerados, enquanto outras insistem na sua inocência, mesmo diante de evidências claras em contrário (RAMSLAND, 2012).

Para muitos, essas relações parecem desafiar o bom senso, mas alguns teóricos propuseram a existência de um impulso biológico que opera independentemente da lógica. Estudos com primatas mostraram que as fêmeas tendem a preferir machos maiores, mais barulhentos e mais agressivos, que exibem marcadores claros de masculinidade. Nos seres humanos, algumas mulheres podem enxergar em um homem agressivo um parceiro poderoso capaz de proporcionar mais do que um homem menos másculo. De forma inconsciente, elas acreditam que, por meio desse homem, podem ganhar algum *status* e se sentir protegidas (RAMSLAND, 2012).

A maioria das entrevistadas apresentou a crença de que se pode mudar o homem cruel, agressivo e violento. Ramsland (2012) explica que uma das principais motivações por trás da intenção de namorar homens desse tipo reside na esperança que essas mulheres têm de que terão sucesso em transformar esses homens, eliminando todos os seus lados cruéis de caráter e aptidão. Seria como se elas acreditassem, de fato, que podem fazer esses homens se apaixonarem, conseguindo então obter o controle total. Na verdade, o que ocorre é justamente o contrário, pois nesses casos é o homem que assume o controle físico e psicológico da mulher.

As entrevistas também indicaram uma vontade excessiva de notoriedade, um significativo grau de desejo em ser o centro das atenções, ocupar lugar na mídia, para usufruir de algum benefício posterior, como exemplo, escrever um livro ou participar de programas de televisão e filmes. Outra questão relevante é a fantasia dessas mulheres em ter o namorado perfeito, o homem dos sonhos, levando-se em conta que, como ele está preso, ela não corre o risco de ser traída ou trocada; nunca tendo dúvidas de onde o parceiro está (RAMSLAND, 2012).

Para além dessas motivações, muitos psiquiatras argumentaram que essas mulheres não são capazes de encontrar o amor em vida normal, com relacionamentos saudáveis e seguros. Como alternativa, elas procuram outra forma de se relacionar, tomando rumos contrários à normalidade social, como no caso da prisão, levando a relação a não se desenvolver, como uma espécie de *stand-by* (ELIAS MUNÁRRIZ, 2023; RAMSLAND, 2012).

Por outro lado, alguns especialistas argumentam que o fascínio que as pessoas têm pelos criminosos, sobretudo pelos *serial killers*, não deveria ser tão surpreendente e intrigante, pois inconscientemente nos sentimos atraídos por todos os tipos de predadores no mundo, e os criminosos representam uma categoria muito atraente nesse contexto. Bonn (2014) afirma que as pessoas são fascinadas por predadores perigosos, humanos ou animais; o perigo exerce um fascínio muito grande nas pessoas e coloca em apoio à sua tese o que acontece, por exemplo, em um zoológico.

De fato, se analisarmos, no zoológico, os animais mais visitados não são coelhos ou pássaros, mas sim leões, tigres, onças que são os predadores mais perigosos em cativeiro. Bonn (2014) explica que dessa forma podemos chegar muito perto do perigo, mas sem chegar ao seu último patamar, ou seja, sem que seja fatal, com uma certa garantia de segurança.

Segundo essa teoria, homens e animais reagem às ameaças por meio de uma descarga do sistema nervoso simpático. Consequentemente, o cérebro coloca algumas áreas em *stand-by* e ativa e potencializa outras áreas. Enquanto o indivíduo sente medo, há a liberação de dopamina – um neurotransmissor com importante função em todas as experiências que proporcionam satisfação ao indivíduo. Aqueles que se permitem sentir medo são precisamente os indivíduos que liberam a dopamina em maiores quantidades (BONN, 2014).

Entretanto, apesar das múltiplas teorias e explicações, estas personalidades envoltas em uma atmosfera de mistério, perigo, rebeldia e sedução continuam a ser um enigma para a psicologia. Desde tempos imemoriais, essa atratividade, pelos desafios que as convenções sociais têm enfrentado, desencadeia uma busca por respostas que nos leva a explorar a psique do ser humano e as suas motivações mais profundas.

## Considerações finais

A hibristofilia representa um desafio intrigante para a saúde mental, exigindo uma abordagem sensível e ao mesmo tempo técnica. Ao longo deste artigo, exploramos as nuances dessa atração incomum e suas implicações para o bem-estar psicológico. No entanto, à medida que concluímos esta análise, percebemos o quanto ainda falta a percorrer. A conscientização sobre a hibristofilia deve ser ampliada, e os profissionais de saúde mental devem estar preparados para reconhecer e abordar esse fenômeno de forma mais eficaz.

Nesse contexto, este estudo reuniu algumas respostas que permeiam a mística da hibristofilia enquanto parafilia. Inicialmente, os estudos apresentados mostraram como a hibristofilia pode ser considerada uma parafilia predominantemente presente no universo feminino; ainda que haja alguma pouca incidência no

âmbito masculino. As causas podem ser as mais variadas: desde uma preferência por sujeitos considerados maus e conseqüentemente relacionados a uma imagem de poder e controle, a experiências traumáticas da infância que tiveram um forte impacto na mulher. Estudos também sugeriram que algumas mulheres, vítimas de abuso no passado ou que viviam em famílias disfuncionais e violentas, estão mais propensas a se apaixonar, a se sentirem atraídas e a se submeterem aos sujeitos criminosos.

Como conseqüências, a hibristofilia pode colocar em risco a segurança pessoal da pessoa atraída, incluindo abuso físico e emocional; impacto negativo na saúde mental, podendo gerar traumas e transtornos como ansiedade e depressão; além de questões relacionadas a estigmatização, preconceito e isolamento, trazendo prejuízos ao seu bem-estar social.

Embora enfrentemos desafios significativos, também reconhecemos as oportunidades para promover uma compreensão mais profunda e desenvolver intervenções que possam oferecer suporte às pessoas afetadas por essa condição, sobretudo as mulheres. Assim, é nosso dever, enquanto sociedade, abordarmos o fenômeno de forma compassiva e empática, garantindo aos que vivenciam a hibristofilia que a reconheçam e recebam o apoio necessário para lidar com esse aspecto complexo de sua vida emocional e psicológica.

Por fim, vimos que a atração sexual e afetiva de mulheres por sujeitos criminosos, inclusive que praticaram crimes hediondos, não passa totalmente despercebida pela sociedade, causando grande estranheza e inconformidade. Entretanto, é inquestionável a grande influência que muitos desses criminosos, *serial killers*, estupradores e homens violentos têm no mundo social e, mais atualmente, na internet/redes sociais. Dessa forma, a hibristofilia pode ser considerada uma das parafilias mais comuns entre as que ocupam lugar em debates éticos e morais. Ainda assim, há muitas perguntas a serem respondidas, sobretudo as relativas às suas causas e conseqüências e possíveis tratamentos. Portanto, é de extrema importância continuarmos avançando no desenvolvimento de pesquisas sobre esse tipo de fenômeno instigante e perigoso.

---

**Outlaw attraction: the complexity of hybristophilia and its relationship with crime**

**Abstract:** This article addresses the main aspects of hybristophilia with the aim of expanding the understanding of the phenomenon in society and highlighting its importance for clinical and forensic psychology, criminology and mental health policies, especially for women. The research was carried out through a bibliographical review based on the concepts of serial killer, paraphilia and hybristophilia: sentimental and sexual attraction to violent criminals, which mostly affects heterosexual women.

**Keywords:** Hybristophilia. Paraphilia. Serial killer. Forensic psychology. Victimology.

---

## Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5*. 5. ed. [s.l.]: [s.n.], 2013. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- BONN, Scott. *Why we love serial killers: the curious appeal of the world's most savage murderers*. [s.l.]: Skyhorse, 2014.
- BROWN, George R. Considerações gerais sobre parafilias e transtornos parafilicos. *Manual MSD*, abr. 2021. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArios-de-sa%C3%BAde-mental/parafilias-e-transtornos-paraf%C3%ADlicos/considera%C3%A7%C3%B5es-gerais-sobre-parafilias-e-transtornos-paraf%C3%ADlicos#:~:text=Parafilias%20s%C3%A3o%20fantasias%20ou%20comportame>. Acesso em: 1º abr. 2024.
- BRUNS, Erika. *Os paradoxos do amor bandido: a hibristofilia a partir de uma abordagem da advocacia criminal*. São Paulo: Dialética, 2022.
- EHRHARDT, Anke. John Money, Ph.D. 2007. *The Journal of Sex Research*, v. 44(3), p. 223-224. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00224490701580741>. Acesso em: 5 mar. 2024.
- ELIAS MUNÁRRIZ, Carlota. Hibristofilia: un estudio descriptivo de la fenomenología psicológico-social de las mujeres que sienten atracción afectiva por sujetos criminales. *Cuadernos de Psicología Criminal y Forense*, p. 133-148, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8833321>. Acesso em: 2 mar. 2024.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- HARE, Robert D. *Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*. São Paulo: Artmed, 2013.
- KINSEY, Alfred. *Sexual behavior in the human male*. [s.l.]: Indiana University Press, 1998.
- RAMOS, Juanjo. *Chic@s mal@s: ¿Por qué nos atrae la gente rebelde y canalla?* [s.l.]: [s.n.], 2023.
- RAMSLAND, Katherine. Women who love serial killers. *Psychology Today*, 2012. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/intl/blog/shadow-boxing/201204/women-who-love-serial-killers>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- SCHECHTER, Harold. *The serial killer files: the who, what, where, how, and why of the world's most terrifying murderers*. [s.l.]: Ballantine Books, 2003.
- STONE, Michael H. *The anatomy of evil*. [s.l.]: Prometheus Books, 2009.

---

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2018 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

BRITO, Fabiana Amaro de. Atração fora da lei: a complexidade da hibristofilia e sua relação com o crime. *Revista Fórum de Ciências Criminais – RFCC*, Belo Horizonte, ano 11, n. 22, p. 117-130, jul./dez. 2024.

---